UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCS | 01.178.14

Paço de Arcos, 27/V/2008

Meu caro amigo e admirável criada Cruzeiro Seixas,

Estas são as duas páginas da bela dramaturga, Maria Estela Guedes, que o Carlos Avilez e actriz Maria Vieira, numa peça tratando dos desabafos e confissões duma ama, contemporânea de Pedro e Inês, a tornaram numa tripla obra-prima.

Apesar da presença de dois praxemetas do surrealismo, o comentário dela às suas cartas e obra afigura-se-me brilhante e lúcido. Boa a visão dos seres geniais "objectos".

Tenho pena não ter visibilidade nos meios de comunicação, para poder enaltecer a sua incontornável obra.

Lembranças dos meus, incluindo as duas netas mais velhas, Maria del Mar e Fredrica. Abraços do

Tit

Para o sublime Cruzeiro Seixas, do seu admirador e fabr. colecionador,

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCS 01.178.14

Tito Gloria 27/V/2008

MARIA ESTELA GUEDES
Ler ao Luar
CARTAS DE CRUZEIRO SEIXAS

"Naufrágio de Ilustraletrações" é um luxo para bibliófilos, por isso as minhas primeiras palavras são para o alfarrabista e editor, Miguel de Carvalho, artista que voga nas ondas do Surrealismo, como o autor dos objectos contidos no livro-caixa que ora nos ocupa, para lhe agradecer a generosidade da oferta do penúltimo exemplar, o 39/40. Além dos 40, a tiragem, limitadíssima, incluiu mais 10, numerados de I a X, *hors commerce*. Oferta valiosa, que partilho com os leitores, mostrando-lhes um pouco dos conteúdos da caixa, incluído o índice, em http://www.triplov.com/surreal/Cruzeiro-Seixas/Naufragio/index.htm .

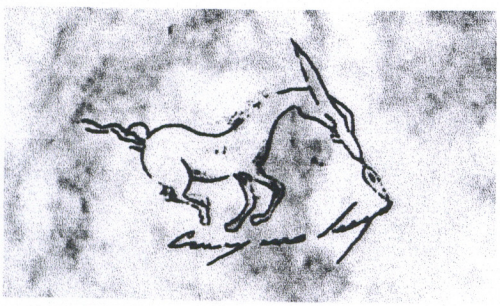
Havendo na caixa-livro colaboração de autores diversos, a começar e a acabar por Miguel de Carvalho, que prefacia (1) a obra e assina, como artista, a colagem do cólofon (2), a maior parte dos trabalhos pertencem a Cruzeiro Seixas. São cartas, postais, ilustrados ou não com poemas e pintura ou desenho.

OUTRO PROXENETA E NÃO SERVIDOR DO SURREALISMO...

Sarane Alexandrian (3) lamenta só agora ter conhecido Artur do Cruzeiro Seixas. É interessante a nota, porque também eu lamento algo idêntico no texto de abertura do dossier sobre o Surrealismo, editado por Floriano Martins e por mim na revista Atalaia-Intermundos (4). Em especial, ignorei a minha contiguidade surrealista até descobrir que TriploV era a célebre revista VVV, editada em Nova Iorque por André Breton. Não espanta assim que os estrangeiros só agora descubram surrealistas portugueses da velha guarda.

Os surrealistas manifestam atracção por dadas técnicas, como a colagem. Na generalidade, ela consiste em recortar imagens e apô-las a outras, de forma metafórica, por se tratar de um transporte de formas/sentidos de um lugar seu para o que não lhe pertence. Essa técnica pode aparecer em obras diversas da *collage*, por exemplo na pintura, em que se acumulam objectos díspares, ou na carta, tão atraente como as de Cruzeiro Seixas, em que se juntam escrita e imagem, de tal forma que Sarane Alexandrian considera o artista um poeta-pintor. Em suma, Cruzeiro Seixas cria híbridos de tipos vários.

Algo desejo acrescentar a este ponto, pois não se trata, em Cruzeiro Seixas, de acumular objectos que se mantenham autónomos uns dos outros, sim de levar um objecto a ir-se metamorfoseando noutro. A autonomia deixa de ser total, porque da conjunção dos contrários, matriz da criação, nasce um terceiro, que já não é A nem B, sim um objecto C. Se os objectos A e B podem pertencer ao registo das coisas reais, o objecto C é uma criação, algo que só existe na fantasia. Tal acontece na estampa que mostra um braço feito de uma folha de papel enrolado, cujos dedos se espraiam no deserto, desempenhando o papel de duna, sob os dizeres "... quantas vezes encontrei em tempos/ de luar antigo esta mão nas praias desertas..." Essa mão parece ter deixado cair duas figurinhas, um casal nascido da terra. É a mão do criador.



A continuidade criadora, que vai de um objecto a outro, os casa, para da procriação gerar um terceiro, impossível, porque lírico, é patente no desenho ao lado: do cavalo passa-se de novo à mão criadora, desta à caneta, e da caneta a algo que assinala a presença do criador: a sua marca, a sua assinatura.

Não se trata, como é visível, de uma colagem de elementos autónomos, isolados uns dos outros, sim de um *continuum* de linhas que gera a imagem final: esta imagem final, impossível, não corresponde a uma soma de coisas reais, sim ao produto irreal do cruzamento de coisas e seres com contrapartida no mundo real.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo fes 07178.14

(2)

O onirismo, o delírio, a febre da alta criação fazem parte das vivências surrealistas, com os seus fogachos apocalípticos, como o acaso objectivo. Nada que não pertença à interioridade do artista. Tudo está nele, os deuses, externos, sejam eles quais forem, mais não podem do que desencadear processos, provocar estados de alma. Os cavalos manuais que rubricam as cartas, esses, não dependem da vontade divina, são criações do poeta. Tal como na estampa do muro em que se funde um corpo humano-vegetal (5), parte da energia criadora vem da chave pendurada na região da estampa correspondente à da zona genital. Eros é uma divindade orgânica, energia cujo *continuum* faz o homem devir planta e pingar metal. Tais passagens de um ser a outro, de um estado a outro, lembram a música. Realmente, embora tragam à mente a figura da colagem, não têm a cola como elemento de fusão, sim o pólen, o sémen.

Estas figuras sobreviveram à passagem dos anos, estão em magnífico estado de conservação, pelo menos enquanto reproduções, e chegam agora até nós como um deslumbrante tesouro de piratas. Numa das estampas, parece que algumas se vão precipitar no abismo salgado de um mar de letras, mas não se precipitam, e por isso não naufragam. Não entendi por que motivo a caixa-livro tem o título de "Naufrágio", a menos que o naufrágio diga respeito às interpretações dos leitores. O problema não é do leitor, sim do lugar onde se deixam as chaves...